

Anna Kattrin Kemper - D. Catarina

Anna Kattrin Kemper - D. Catarina

14.12.1905 - 27.06.1978

*Edson Lannes**

Sua vida – não sua morte – mudou nossas vidas. Tinha carisma, intensidade, impacto. Ninguém lhe ficou indiferente.

Era filha de mineiro de carvão no Ruhr, e como o pai, soube encontrar a força e a riqueza no interior das pessoas.

Nasceu em Bochum, em 1905, quando Freud, com quase 50 anos, publicou os três ensaios sobre sexualidade. Foi a caçula de 4 irmãos e muito ligada ao pai. Sua sensibilidade e criatividade se mostraram cedo, em música e escultura.

Pouco depois do fim da 1ª Guerra Mundial, com a Alemanha em esforço de recuperação, um desabamento de galeria mata seu pai. Catarina estava com 14 anos e sofreu muito essa perda. Sua vitalidade e sua inteligência, no entanto, à medida em que se tornava adulta, levaram-na a não caber mais na moldura de Bochum.

Pouco depois dos vinte anos, deixando a mãe, a irmã mais velha e um irmão (perdera o outro havia pouco tempo), Catarina foi, sozinha, para Berlim. Era o ano de 1926.

Conheceu um médico, diretor de uma clínica ginecológica, filho de pastor protestante e o amou. Chamava-se Werner Walter Kemper. O interesse dos dois pelo campo da psicologia foi um denominador comum. Ele buscou a formação psicanalítica, facilitada pela condição de médico. Catarina teve, também, curiosidade pela grafologia.

Casou-se com Werner aos 27 anos e lhe nasceram 3 filhos homens. Os nomes que lhe deram trazem 2 características: a marca do cristianismo e um curioso senso de continuidade – Jochen Christian, Christian Mathias, Mathias Andreas.

* Membro Fundador do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

Catarina, contudo, estava definitivamente casada mesmo é com a psicanálise. Fez sua análise com Harald Schultz-Hencke (da Sociedade Psicanalítica Alemã), que ela sempre mencionou com respeito e saudade. Trabalhou na Policlínica de Berlim, que Schultz-Hencke e Werner Kemper dirigiam, em atividade de caráter social.

Ativa e criativa, também não coube nos modelos vigentes e foi desenvolvendo ideias próprias.

Aos 43 anos, vem com o professor Kemper e os filhos para o grande acontecimento da sua vida: estabelecer o trabalho de formação psicanalítica no Rio de Janeiro, atendendo a convite de um grupo de médicos do Ministério da Educação e Saúde. Era o mês de janeiro de 1949.

O primeiro fruto dessa obra foi a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, reconhecida pela A.P.I. em 1955. D. Catarina era analista-didata e, no correr dos anos, efetivamente analisou, ensinou, supervisionou, escreveu, publicou e... inquietou.

Aos 60 anos, tinha em torno de si muitos ex-alunos e ex-analisandos, que seu talento fascinava e liderava. Como aconteceu com D. Catarina do século IV, mulher de inteligência superior que converteu ao cristianismo muitos filósofos, sua posição revolucionária e pioneira, que rompeu os diques da ciência psicanalítica oficial, atraiu muitos seguidores.

O professor Kemper, dando por completada a sua obra, decidiu voltar para Berlim. D. Catarina, nos seus jovens 62 anos, preferiu ficar no Brasil. Sentia que era irremediavelmente brasileira.

Deixou o Leme e foi morar em São Conrado, com a natureza. Já não precisava tanto do sítio do Salaco, em Teresópolis, para estar com suas orquídeas, com Bambina e com Nega.

Eram seus últimos 10 anos de vida. E quanta coisa importante ainda produziu.

Neste período ela foi o elemento propulsor e patrimônio fundamental do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, oficializado em 1969. D. Catarina saíra da S.P.R.J. logo depois da viagem de volta do professor e procurou encontrar um clima de trabalho onde pudesse pôr mais livremente em prática seus conceitos psicanalíticos.

Aos 66 anos, foi convidada pelo professor Cândido Mendes para um curso na sua Universidade, com temática à sua escolha. Chamou seus colaboradores e optou por um trabalho prático inicial, com pais preocupados com suas crianças. Desses encontros nasceu o entusiasmo que tornou possível a concretização de um penúltimo anseio: a extensão dos benefícios de psicanálise aos

desprovidos de recursos financeiros. Criou-se a Clínica Social de Psicanálise. É esta obra que quer congrega psicanalistas de todas as sociedades que tal objetivo possa irmanar.

Quando recebeu o diploma de Carioca Honorária em 1976 (por coincidência no dia em que Freud faria 120 anos) das mãos do cônsul da Áustria, D. Catarina disse: “Esta é a minha terra e, felizmente, aqui estão meus filhos, meus alunos e meus amigos. E foi graças a eles que conseguimos fundar a 1ª Clínica de aplicação social da psicanálise”.

Uma última tarefa não pôde completar: seus dois livros – *Fatores estruturantes da 1ª infância* e *Grupoterapia psicanalítica*.

Nos anos recentes sofreu alguns golpes que encurtaram seu projeto de vida. A morte do professor e a do irmão lhe trouxeram tristeza. Submeteu-se a uma cirurgia renal séria. E seu coração, seu grande coração, cansou.

D. Catarina viveu quase sempre em alta voltagem. Seminários, congressos e trabalhos científicos faziam-na estuante, tensa e vibrante. Por outro lado, buscava e saboreava a tranquilidade do verde, do canto dos pássaros, do murmúrio do seu riacho, da alegria silenciosa das suas flores, da ternura cálida dos amigos.

Participou de Congressos no Brasil (Rio, São Paulo, Paraná, Belo Horizonte, Porto Alegre), na América do Sul (Uruguai, Argentina) e na Europa (Innsbruck, Estocolmo, Edimburgo). Alguns de seus artigos foram publicados em *Revue Française de Psychoanalyse*, *Estudos de Psicanálise* e *Revista Uruguia de Psicanálise*. Escreveu trabalhos psicanalíticos sempre baseados na clínica, sobre Interpretação aludida, Idealização, O engatinhar, A agressividade – aspectos onto e filogenéticos e suas repercussões no processo psicanalítico, O caso Maria, etc. Pioneira em grupoterapia de base psicanalítica registrou sua experiência em temas como Causas de erros, O silêncio e A interpretação. Tinha dois livros em preparo (*Fatores Estruturantes da 1ª infância* e *Grupoterapia*); quando a morte nos privou de sua presença.